

A VIGILÂNCIA OPRESSORA DAS TELETelas EM “1984” DE GEORGE ORWELL

Saulo Barreto Lima Fernandes¹

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo principal analisar como as obras de George Orwell (1903-50) se apresentam tendo como foco principal a preocupação irrestrita com as liberdades individuais duramente conquistadas ao longo dos séculos; denunciando muitas das vezes, as entranhas dos mecanismos de dominação utilizados pelo totalitarismo político qualquer fosse seu viés ideológico. Imbuído, pois, de uma visão crítica privilegiada Orwell tratou de caracterizar em sua ficção a tecnologia como uma ferramenta crucial nesse sentido. Assim, pode-se constatar como as chamadas “novas tecnologias” têm contribuído para escrutinar a vida dos cidadãos em geral no tocante aos dispositivos tecnológicos somados a geração de dados; não somente governos, mas como as chamadas *bigtechs* vêm fazendo uso unilateralmente do banco de dados de seus usuários para fins nada convencionais. Sob a luz, portanto, de teóricos como Bauman (2013), Foucault (1987), La Boétie (1999) e Marx (1964), buscaremos analisar algumas destas questões problematizadas fortemente abordadas em “1984” especificamente quando do uso tecnológico das chamadas “teletelas”, um dos dispositivos mais eficientes de vigilância e dominação do “Grande Irmão”.

Palavras-chave: George Orwell, opressão, tecnologia, literatura.

THE OPPRESSIVE SURVEILLANCE OF TELE SCREENS IN “1984” BY GEORGE ORWELL

ABSTRACT

The main objective of this article is to analyze how the works of George Orwell (1903-50) are presented with as their main focus the unrestricted concern with individual freedoms hard won over the centuries; often denouncing the innards of the domination mechanisms used by political totalitarianism, whatever its ideological bias. Imbued, therefore, with a privileged critical vision, Orwell tried to characterize technology in his fiction as a crucial tool in this sense. Thus, it can be seen how the so-called “new technologies” have contributed to scrutinizing the lives of citizens in general in terms of technological devices added to data generation; not only governments, but so-called *bigtechs* have been unilaterally using their users' databases for unconventional purposes. In the light, therefore, of theorists such as Bauman (2013), Foucault (1987), La Boétie (1999) and Marx (1964), we will seek to analyze some of these problematized issues strongly addressed in “1984”, published in 1949, specifically when the technological use of the so-called “telescreens”, one of the most efficient devices of “Big Brother” surveillance and domination.

Keywords: George Orwell, oppression, technology, literature.

¹ Graduado em Ciências Sociais e Mestre em Teoria Literária pelo Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGLETRAS na Universidade Estadual do Maranhão – UEMA. (Bolsista/UEMA). E-mail: sauloblf@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-3747-1138>

1. “MINHA TELETELA, MINHA VIDA”: A vigilância opressora em *Nineteen Eighty-Four*

O cenário ficcional aqui em análise inserido no romance em questão “1984” – cuja ideia original era publicar sob o título: “O último homem da Europa” –, vivido sobretudo pelo personagem Winston Smith, proposto por George Orwell não deixa de ser algo preocupante. Smith é um funcionário do Ministério da Verdade, cuja função é “reescrever a história” na verdade um eufemismo como forma de substituir o termo “revisão histórica”. Embora funcionário do Partido, em determinado momento Winston será retratado como um “anti-herói” passando a sentir a mão pesada do Sistema por se “insurgir” contra ele.

Um dos instrumentos que se faz onipresente em praticamente toda narrativa *ato contínuo* da vida não só deste, mas de todos os outros personagens que compõem a base daquela sociedade, diz respeito a chamada teletela, um dispositivo capaz de “privar” todos de um mínimo sequer de “privacidade”. *Grosso modo*, o equipamento funciona como uma *smarttv*, mas com a diferença de não haver controle de acionamento nem muito menos de consumo de conteúdo por parte de quem a assiste.

Ela é ligada 24h por dia e transmite ininterruptamente programação própria previamente pautada e manipulada pelo Partido *Socing*. Seu conteúdo oscila entre exibições alienantes, propagandas de guerra, distorções da realidade, notícias de origem duvidosa ou totalmente falsas e outras vezes ordens que beiram ao absurdo. A localização do aparelho não se restringe somente aos lugares públicos e de trabalho, mas, também nas residências dos personagens, sejam eles membros rasos do partido (externo) como Winston ou *proletas* conforme pode-se ver a seguir:

Dentro do apartamento, uma voz profunda e agradável lia uma lista de números que tinham a ver com a produção de ferro-gusa. A voz saía de uma placa de metal oblonga que parecia um espelho opaco e fazia parte da superfície da parede à direita. Winston girou um botão e a voz diminuiu um pouco, embora as palavras continuassem inteligíveis. O som do instrumento (teletela, como era chamado) podia ser diminuído, mas não havia como desligá-lo totalmente (Orwell, 2021, p. 146).

Contudo, as funcionalidades das teletelas vão bem mais além do que somente veicular programações de gêneros duvidosos no sentido de atender os interesses escusos do Grande Irmão. Não bastasse a programação contínua e entediante, como que uma tortura psicológica sem fim, elas possuem o poder, também, de vigiar integralmente a vida dos cidadãos em praticamente tudo que fazem ou deixam de fazer, sejam nos seus atos, relacionamentos sociais, lazeres, dizeres, etc. “O Grande Irmão está vendo você” (Orwell, 2021, p. 441). Tudo isso no sentido de “podar” condutas e atitudes fora do que fora preconizado pelo Partido em seu patrulhamento constante.

Não somente em atitudes suspeitas, mas o que é mais grave: elas têm a capacidade até de escrutinar os personagens em seus pensamentos, sob a qual existia inclusive uma instituição específica para fazer valer esse fim – a vigilância imposta pela chamada “Polícia do Pensamento”. “Alguns agentes da Polícia do Pensamento estavam sempre infiltrados entre eles, espalhando falsos boatos e marcando e eliminando os poucos indivíduos considerados passíveis de se tornar que perigosos; [...]” (Orwell, 2021, p. 216).

Sim, isso mesmo, pensar “fora da caixa”, em outras palavras, além daquilo que o Partido permitia era crime e com tipificação própria – o “duplipensar”, a ponto de Winston fazer questão de anotar em seu diário a cruciente constatação: “Crimepensar *não* implica morte: crimepensar é a morte” (Orwell, 2021, p. 172). Geralmente a punição para quem transgredia as leis impostas pelo Grande Irmão e/ou não se adequava ao seu pensamento era a “vaporização” tornando-se assim uma “despessoa”. Todos os cidadãos viviam aterrorizados sob essa cruel possibilidade. Não só o corpo físico era eliminado, mas, também todas as referências e registros sobre aquela pessoa como se ela nem sequer houvesse existido. Traçando um paralelo ao vivido hodiernamente, a título de ilustração, sob o pretexto de automação de todo um ambiente, têm-se a “assistente” virtual *Alexa* no contexto de “*internet das coisas*” capaz de atender comandos, dar sugestões, alertar sobre algo, em alguns casos, dando-nos até ordens.

O que se vê em “1984” não é muito diferente:

Qualquer som que Winston fizesse, acima do nível de um sussurro muito baixo, seria captado; além disso, enquanto estivesse dentro do campo de visão que a placa de metal abrangia, ele poderia ser visto e ouvido. É claro que não havia como saber se você estava sendo vigiado em determinado momento. Quantas vezes, ou em que sistema, a Polícia do Pensamento se conectava a um aparelho específico era uma questão de adivinhação. Era até concebível que observasse todo mundo o tempo todo. Mas, de qualquer forma, poderia conectar-se ao seu aparelho sempre que quisesse. Era preciso viver - e vivia com o hábito que se tornou instintivo - pressupondo que cada som emitido era entre ouvido e, exceto na escuridão, cada movimento era escrutinado (Orwell, 2021, p. 146-147).

O sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2013) conhecido por difundir as “rupturas” provocadas pelas mais variadas facetas daquilo que ele conceituou de “liquidez” na sociedade contemporânea; igualmente lançou olhar sobre essa questão em seu livro “Vigilância Líquida” (2013); na verdade uma entrevista dialogada com o professor e sociólogo David Lyon conhecido por seus aprofundados estudos sobre vigilância. Ao longo de toda a conversa, dentre outras coisas, é desmistificada a falácia de que a “eterna vigilância” seria necessária para segurança dos cidadãos contra “perigos”, muitas das vezes, classificáveis previamente como “invisíveis” e “preditivos”.

O cotidiano vivido por Winston, obviamente ressalvadas as devidas proporções, não está muito distante daquela que os cidadãos contemporâneos têm experimentado nos dias atuais de forma mais acentuada, em especial, quando se trata de alguns países em que há concentração de poder num só ente. De fato, tal justificativa engloba mesmo esse viés (de segurança); mas o que se tem percebido é que a implementação de sistemas como esses têm implicado em usos escusos nas mais diversas formas de controle conforme cirurgicamente preceitua Bauman (2013), na passagem a seguir:

É por essa dupla razão - proteger-nos dos perigos e de sermos classificados como um perigo que temos investido numa densa rede de - medidas de vigilância, seleção, segregação e exclusão. Todos nós devemos identificar os inimigos da segurança para *não sermos incluídos entre eles*. Precisamos acusar para sermos absolvidos, excluir para evitarmos a exclusão. Precisamos confiar na eficácia dos dispositivos de vigilância para termos o conforto de acreditar que nós, criaturas decentes que somos, escaparemos ilesos das emboscadas armadas por esses dispositivos e que assim seremos - reinvestidos e reconfirmados em nossa

decência e na adequação de nossos métodos (Bauman, 2013, p. 98-99, grifo meu).

Dessa forma, incute ao *vigiado* a necessidade de firmação desse “pacto” entre *vigilantes* e *vigiados* na qual o sujeito abriria mão da sua privacidade e liberdade em prol de um bem maior qual seja – a plena normalidade da segurança coletiva. A vigilância seria necessária no sentido de separar previamente o “joio” do “trigo”, de forma prévia, antecipada; antes mesmo que algo venha supostamente a acontecer. Seres “perigosos”, incapacitados da vida em sociedade, são sumariamente extirpados, sobretudo, no afã de serem submetidos a “[...] um sistema de proibições e de obrigações, uma vigilância contínua, exortações, leituras espirituais, todo um jogo de meios para ‘atrair para o bem’ e ‘desviar do mal’ [...]” (Foucault, 1987, p. 100).

Michael Foucault (1987), pois, outro sociólogo bastante caro a esse assunto – fundamentado nos estudos anteriores do filósofo utilitarista do século XVIII Jeremy Bentham –, trata de toda essa conjuntura ao desenvolver sua tese sobre “Sociedade Disciplinar” impulsionada e concretizada por conta do avanço do capitalismo moderno. Para o pensador francês, vive-se numa sociedade cada vez mais vigiada, baseada na constante observação, de modo a disciplinar quem age de forma diversa àquela preestabelecida previamente, e em alguns casos, sendo punidos através de condenações que vão de penas degradantes à prisão.

Suas formulações fazem alusão direta ao chamado “panoptismo”, uma espécie de olho situado no topo que é capaz de tudo e a todos ver irrestritamente dentro de sua visão de alcance. Com efeito, com o advento das câmeras, sua abrangência agora ganha dimensões inimagináveis na qual determinados sujeitos passam a ser observados aonde quer que se ande: no trabalho, nas instituições de ensino; ou em lugares privados (supermercados, *shoppings* e farmácias) ou ainda em locais públicos (estações de metrô, praças, ruas), muitas das vezes até nas residências, num tempo no qual não se falava ainda da difusão de CCTV’s câmeras de circuito interno.

E para se exercer, esse poder deve adquirir o instrumento para uma vigilância permanente, exaustiva, onipresente, capaz de tornar tudo visível, mas com a condição de se tornar ela mesma invisível. Deve ser como um olhar sem rosto que transforme todo o corpo social em um campo de percepção: milhares de olhos postados em toda parte, atenções móveis e sempre alerta, uma longa rede hierarquizada, [...]. E ao contrário dos métodos de escrita judiciária ou administrativa, o que é assim registrado são comportamentos, atitudes, virtualidades, suspeitas – uma tomada de contas permanente do comportamento dos indivíduos (Foucault, 1987, p. 176).

Toda essa invasão de privacidade como forma de controle constatado por esses pensadores e tantos outros não fica restrita somente ao plano da ficção. Governos com tendências totalitárias têm feito uso da tecnologia no sentido de monitorar a vida dos seus concidadãos. A China tem implantado fortemente esses sistemas nos quais os chineses são monitorados em locais de uso comum de grande movimentação. Isso tudo sem falar do sistema de “crédito social” na qual o cidadão adquire mais ou menos privilégios observados critérios previamente estipulado pelo governo. Esse pormenor não fica restrito as nações. *Big techs* como Google, Apple, Meta, Youtube, TikTok vem comumente tratando seus usuários como meros “produtos”. Na ilusão de uso gratuito, –

na verdade uma “isca” para atrair usuários, perfis e seus dados gerados – suas informações são utilizadas para outros fins nada convencionais, como o comercial e político, por exemplo.

Enfim, além de todo esse controle panóptico, aos quais estavam submetidos, tanto Winston como as pessoas mais próximas com quem se relacionava eram, de alguma forma, funcionários rasos do Partido. Pode-se dizer que Winston era mais do que um “funcionário exemplar”, mas um “trabalhador alienado” no sentido marxista da palavra sempre trajado com seu macacão azul abarrotado de bolsos similar à de um mecânico ou industrial. Embora não seja esse o foco da narrativa (denunciar as condições de trabalho de seus personagens) tudo leva a crer que essa submissão se arvora somente como mais uma forma de dominação pelo Partido. Disse o alemão Karl Marx certa feita que a “alienação do homem e, acima de tudo, a relação em que o homem se encontra consigo mesmo, realiza-se e exprime-se primeiramente na relação do homem aos outros homens. Assim, na relação do trabalho alienado, cada homem olha os outros homens segundo o padrão e a relação em que ele próprio, enquanto trabalhador, se encontra” (1964, p. 166).

2. TRISTE FIM DE WINSTON SMITH: a punição para quem ousa contestar contra o “Grande Irmão”

Consoante a ideia de que o lema do Partido era: “Quem controla o passado controla o futuro; quem controla o presente controla o passado” (Orwell, 2021, 178); Winston, em sua função laborativa de “reescrever a história”, se investia de um papel essencial no contexto do aparelhamento ideológico da instituição. O funcionário perde a conta de quantos documentos lançou no “Buraco da memória” uma espécie de forno em que era obrigado a jogar impressos que não coadunassem com a doutrinação do Partido. “Assim que cuidou de todas as mensagens, Winston anexou suas correções ditografadas às edições correspondentes do *Times* e inseriu tudo no tubo pneumático. Depois, em um gesto quase inconsciente, amassou a mensagem original e todas as anotações que fizera e jogou tudo no buraco da memória para serem devoradas pelas chamas” (Orwell, 2021, p. 184). Contudo, seu departamento ia bem mais além do que destruir documentos. Para substituir tudo que era eliminado algo teria que ser colocado em seu lugar.

O Ministério, também, cuidava dessa questão:

E o Departamento de Documentação, afinal, era só uma das seções do Ministério da Verdade, cuja função principal não era reconstruir o passado, mas fornecer aos cidadãos da Oceania jornais, filmes, livros didáticos, programas de teletela, peças de teatro, romances - com todos os tipos concebíveis de informação, instruções ou entretenimento, estátuas e *slogans*, de poemas líricos a tratados biológicos, desde uma cartilha para crianças a um dicionário de novilíngua. E o Ministério não devia apenas suprir as necessidades multifacetadas do Partido, mas também repetir toda a operação em um nível inferior em benefício do proletariado. Havia toda uma cadeia de departamentos separados lidando com literatura, música, drama e entretenimento em geral para o proletariado. Ali eram produzidos jornais inúteis contendo quase nada além de esportes, crimes e astrologia, romancinhos baratos e sensacionalistas, filmes cheios de sexo e canções sentimentais compostas inteiramente por meios mecânicos em um tipo especial de caleidoscópio conhecido como versificador. Havia até uma subseção

inteira - Pornosec, como era chamada em novilíngua - dedicada à produção do tipo mais baixo de pornografia, que era enviada em pacotes lacrados e que nenhum membro do Partido, exceto os que trabalhavam nela, tinha permissão de ver (Orwell, 2021, p. 187-188).

Trabalhar sob tão vil função deve ter sido somente mais um dos motivos para que fizesse crescer em Winston mais que um sentimento de frustração, mas de revolta, mesmo que de início, ainda bastante incipiente. Face a um trabalho que não proporcione, aos seus funcionários, um mínimo de senso crítico em contestar do porquê das coisas, Winston era constantemente convidado a realizar reiterados exames e reexames de consciência. Mostrava-se cada vez mais incomodado com o assédio constante imposto pelas teletelas, tentando se “esquivar” de seu alcance, no sentido de que meio se transformar em um ser “invisível” para o sistema, como se possível fosse. “Winston se mantinha de costas para a teletela. Era mais seguro; ainda que, como ele bem sabia, até as costas podiam ser reveladoras” (Orwell, 2021, p. 147); aproveitando toda e qualquer oportunidade ocasionada pelas circunstâncias para afugentar-se face a esse patrulhamento:

Por algum motivo, a teletela da sala estava em uma posição incomum. Em vez de estar, como de hábito, na parede do fundo, onde podia abranger toda a sala, estava na parede mais comprida, em frente à janela. Ao lado dela havia uma alcova rasa onde Winston se sentou, provavelmente projetada como uma estante de livros quando os apartamentos foram construídos. Sentado na alcova e mantendo-se bem encostado, Winston conseguia ficar fora do alcance da teletela, pelo menos no que dizia respeito à visão. Ainda podia ser ouvido, é claro, mas não poderia ser visto enquanto estivesse naquela posição. Em parte, foi a geografia incomum da sala que sugeriu o que estava prestes a fazer (Orwell, 2021, p. 148-149).

Ademais, Winston já vinha escrevendo clandestinamente um diário no decorrer do livro, se apaixonou e manteve relações (sexuais) com Julia (que também era proibido) além de compartilhar com ela suas inquietações, queixas e ideais revolucionários. Desse modo, Smith começava a dar indícios de insatisfação que o Sistema impunha, não só a ele como para Julia, para os poucos amigos próximos e com os demais. Embora não tenha tido acesso as chamadas “literaturas libertárias” estava inconscientemente, como que num ato de sobrevivência, se rebelando consoante um dia alertou o filósofo francês Étienne de La Boétie séculos atrás:

Coisa realmente surpreendente (e no entanto tão comum que se deve mais gemer por ela do que surpreender-se) é ver milhões e milhões de homens miseravelmente subjugados e, de cabeça baixa, submissos a um jugo deplorável; não que a ele sejam obrigados por força maior, mas porque são fascinados e, por assim dizer, enfeitiçados apenas pelo nome de um que não deveriam temer, por ele é só, nem amar, pois é desumano e cruel para com todos eles (La Boétie, 1999, p. 74).

Contudo, atender aos ditames propostos pelo antigo pensador teve seu preço. Em hipótese alguma passaria por sua cabeça que estava sendo espionado não só pelas teletelas, mas de muito perto, donde jamais ele poderia imaginar. É que o camarada O'Brien, até então amigo insuspeito, um dia trata de atrair Smith e Julia para uma visita de cortesia em seu luxuoso apartamento, já que era ele um membro do Partido Interno, em outras palavras, pertencente a alta cúpula política. Lá estando, foi proposto de forma ardilosa por O'Brien, algo até então impensável. Smith, por sua vez, ingenuamente caiu

na esparrela de começar a ler com bastante afinco o “manifesto da irmandade” de título “Teoria e Prática do Coletivismo Oligárquico”, cuja autoria era supostamente atribuída a Emmanuel Goldstein, o maior inimigo do Grande Irmão, a quem era rendido o alucinante “Dois Minutos de Ódio” transmitida numa teletela gigantesca. Dividido em 3 capítulos, Orwell faz referência somente aos capítulos I e III que são respectivamente “Ignorância é força” e “Guerra é paz”. O título de cada capítulo alude ao *slogan* do partido. Ao capítulo II, presume-se que seja “Liberdade é escravidão”, mas não faz menção referente ao seu teor.

Smith, pois, imaginando não ser visto nem muito menos ouvido, desprezando qualquer possibilidade de ser apanhado, não se exime da oportunidade de finalmente tomar contato com o revelador livro. Ao cabo da leitura, se convence de que as suposições que vinha elucubrando ao longo do tempo não eram absurdas e o que conjecturava intimamente encontrava eco no tal manifesto; embora ao final, não tenha lhe acrescentado muita coisa, a não ser pelo relevante fato de que estava com suas faculdade mentais em dias, confirmando de vez que o sistema sim, ao qual estava submetido, era que era insano.

Ponderou que ainda não tinha descoberto o segredo final. Entendia *como*, mas não entendia *por quê*. O Capítulo I, assim como o Capítulo II, na verdade não havia dito nada que ele não soubesse, tinha apenas sistematizado o conhecimento de que já dispunha. Contudo, depois de ter lido, ele sabia melhor do que antes que não estava louco. Havia a verdade e havia a inverdade, e quem se ativesse à verdade, mesmo que contra o mundo inteiro, não era louco. Um raio amarelado do sol poente passava pela janela e se projetava no travesseiro. Fechou os olhos. O sol no seu rosto e no corpo macio da mulher ao seu lado lhe proporcionaram um sentimento forte e sonolento de confiança. Sentiu-se em segurança, estava tudo bem. Adormeceu murmurando “A sanidade não é estatística”, com a sensação de que sua observação continha em si uma profunda sabedoria (Orwell, 2021, p. 367, grifos originais).

Concluída a leitura da 2ª parte da obra, no dia seguinte ao acordarem ambos Smith e Julia refletem saudosamente diante de uma janela. Conversavam sobre o que estava escrito no livro cujo teor indicava que o futuro pertenceria aos proletas como uma “raça de seres conscientes”; se convencendo, desse modo, de que eles não fariam parte desse novo tempo pelo fato de serem “seres anulados” de já estarem “mortos” nas suas palavras.

— Nós somos os mortos – falou Winston.

— Nós somos os mortos – ecoou Julia.

— Vocês são os mortos – disse uma voz de ferro atrás deles.

Os dois se separaram abruptamente. As entranhas de Winston pareceram se transformar em gelo. Podia ver o branco ao redor da íris olhos de Julia. Seu rosto era de um amarelo leitoso. A marca de ruge que ainda tinha na bochecha se destacava intensamente, como se desconectada da pele abaixo (Orwell, 2021, p. 371).

A “voz de ferro” que falara por último era da teletela que agora repetia tudo que eles pronunciavam. Ela se achava estrategicamente camuflada atrás de um espelho. Eles haviam sido descobertos! Winston agora estava convencido de que fora traído pelo até então camarada O’Brien, na verdade um agente privilegiado do Partido disfarçado para desmascarar de vez subversivos como Smith e Julia. Ali iniciava seu calvário. Ter acesso ao livro era a “bala de prata” a prova cabal que faltava. O’Brien cumpria seu papel com maestria qual seja – entregar os revolucionários Smith e Julia em situação flagrância ao

julgo do famigerado Ministério do Amor. Seu nome agora era outro – “6079 Smith W”. Detido, lá encontram vários amigos na mesma situação.

Não bastasse a incriminação dos prisioneiros, O’Brien faz questão de tomar a frente em todo o confinamento de Smith submetendo-o a uma tortura excruciante. Para tanto, conduzi-o ao temido “Quarto 101” considerado “a pior coisa do mundo” (Orwell, 2021, p. 436), nas suas próprias palavras. Winston enfrentava, neste instante, a maior fobia que poderia possuir no mundo – ratos. Para tanto foi submetido a uma parafernália para lá de absurda: “[...] uma gaiola de arame retangular, com uma alça para ser transportada. Na parte dianteira havia algo que parecia uma máscara de esgrima, com o lado côncavo voltado para fora. Apesar de estar a três ou quatro metros de distância, Winston pôde ver que a gaiola era dividida longitudinalmente em dois compartimentos, com uma criatura em cada um. Eram ratos” (Orwell, 2021, p. 437).

Assim Winston passa a experimentar, portanto, da maneira mais abjeta, o propósito vil da macabra engenhoca: “De repente o fedor bolorento dos animais penetrou em suas narinas. Sentiu uma violenta convulsão de náusea e quase perdeu a consciência. Tudo ficou escuro. Por um instante ele enlouqueceu, gritando como um animal. Mas saiu da escuridão agarrado a uma ideia. Só havia uma única maneira de se salvar. Usar outro ser humano para se proteger, interpor o corpo de outro ser humano entre ele e os ratos” (Orwell, 2021, p. 439). No ápice da humilhação e desumanização, Winston na vã expectativa de salvar-se, pede desesperadamente para que fizessem isso com quem até então não só nutria o maior apreço, mas definitivamente amava:

— Faça isso com a Julia! Faça isso com a Julia! Não comigo! Com a Julia! Eu não me importo com o que você faça com ela. Pode deixar os ratos arrancarem a pele dela, devorá-la até os ossos. Não a mim! Julia! Não eu! (Orwell, 2021, p. 440).

Parece ser essa, pois, uma das manifestações principais que o agora torturador O’Brien arrancava de seu confessor. Diante das circunstâncias impostas, tinha a certeza que Winston não amava mais Julia. De certa forma, ela ocupava o único espaço dedicado ao Grande Irmão. Depois da contundente tortura psicológica implementada, Winston fora submetido a uma série de espancamentos físicos, até que finalmente, ciente de que os poderes de manipulação e lavagem cerebral haviam sido concluídas com sucesso, impostos pelo Partido, é obrigado a se convencer de que “dois mais dois são cinco”, daquilo que um dia ele havia considerado antes em seu diário como o óbvio: “dois mais dois eram quatro”.

Por fim, uma injeção com substância desconhecida é inoculada no corpo de Winston, deixando-o em estado letárgico fazendo-o esquecer em sua memória recente. Longe de um final feliz, mas a certeza de imersão em um ciclo nada mais que vicioso e da vitória certa do estado totalitário, George Orwell encerra sua narrativa com a seguinte constatação: “Winston conquistara a vitória sobre si mesmo. Ele amava o Grande Irmão” (2021, p. 451); corroborando, em resumo, a concepção orwelliana nada otimista de poder que segundo ele: “está em infligir dor e humilhação. O poder está em desmontar as mentes humanas e remontá-las na forma que se desejar” (Orwell, 2021, p. 419).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Eis o motivo pelo qual George Orwell se faz um escritor libertário, haja vista que não passava em hipótese alguma pela sua cabeça abdicar em fazer o uso da Literatura como meio para difundir suas críticas sociais e políticas, residindo aí, portanto, a importância de seu inestimável legado. Suas obras – sejam elas ensaios, escritos autobiográficos, críticas, diários –, confluem, com raras exceções, nesse sentido. Consciente da sua condição de escritor político “engajado”, escreveu relativamente bem em que pese suas condições socioeconômicas nada favoráveis ao longo de sua vida.

Nesse sentido, o conjunto de sua obra acaba por revelar um universo distópico cada vez mais naturalizado nos tempos modernos; pois como visto, suas ideias tiveram o poder de alertar, por exemplo, que quanto mais a tecnologia se desenvolve e governos despóticos se estabilizam no poder mais as teses orwellianas se popularizam e se tornam cristalinas a ponto de se vislumbrar claramente as suas profecias nos dias atuais.

Em “1984”, há a flagrante constatação da “exploração do homem pelo homem”. A tecnologia representada pelas teletelas e o uso dos governos totalitários como forma de manipulação, dominação e escravização do sujeito moderno a ponto de reduzi-lo a nada como o que aconteceu no caso paradigmático de Smith (sujeito desprovido de vontades, de sentimentos e de esperanças). Paralelamente a narrativa expõe a falácia reproduzida através de discursos proferidos por determinados grupos privilegiados (com pretexto de domínio ideológico) visando deturpar a ideia de mundo perfeito, sem desigualdades; em verdade formas sutis de expor lideranças embebecidas pelo poder representados, nesta pesquisa, na figura do Grande Irmão. Orwell embora ciente de suas convicções políticas sempre esteve do lado dos “oprimidos”, atentos aos abusos do poder fosse qual fosse seu agente opressor.

Por fim, vale fazer o registro de sua última entrevista concedida à BBC britânica.² O escritor britânico próximo da morte, em um retiro campestre, reúne forças para deixar um “aviso final” à humanidade. Referindo-se a “1984” – em que pese a obra não ter saído como ele imaginava por conta do estado tuberculoso que se encontrava –, Orwell se confessa diante de um futuro nada animador. Sentimentos como o “medo”, a “fúria” e a “autocomiseração” serão uma constante não restando a ele portanto, imaginar um cenário exemplificado na representação de uma imagem chocante: “a de uma bota imprensando a cabeça de um indivíduo junto ao chão”; mas que para que isso não venha a acontecer efetivamente há um agente capaz de evitar a tudo isso – “você”.

NOTAS

1. Graduado em Ciências Sociais e Mestre em Teoria Literária pelo Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGLETRAS na Universidade Estadual do Maranhão – UEMA. (Bolsista/UEMA). E-mail: sauloblif@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-3747-1138>
2. SILVA, Petrus. O último aviso de George Orwell - 1984. YouTube, 7 de nov. de 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=i_8F1E5K20Y&t=20s. Acesso em: 15 de dez. de 2022.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Vigilância líquida**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhe. Petrópolis: Vozes, 1987.

LA BOÉTIE, Étienne. **Discurso da servidão voluntária**. Tradução de Laymert Garcia dos Santos. São Paulo: Brasiliense, 1999.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1964.

_____. **Ensaio**. Tradução de Fabrício Zuccherato, Ana Paula Bonjani, Flamarion Caldeira Ramos. Brasil: Pé da Letra, 2020.

_____. **A revolução dos bichos: 1984**. Tradução de Willians Glauber, Claudio Carina, Sonia Carvalho. Porto Alegre: CDG, 2021.